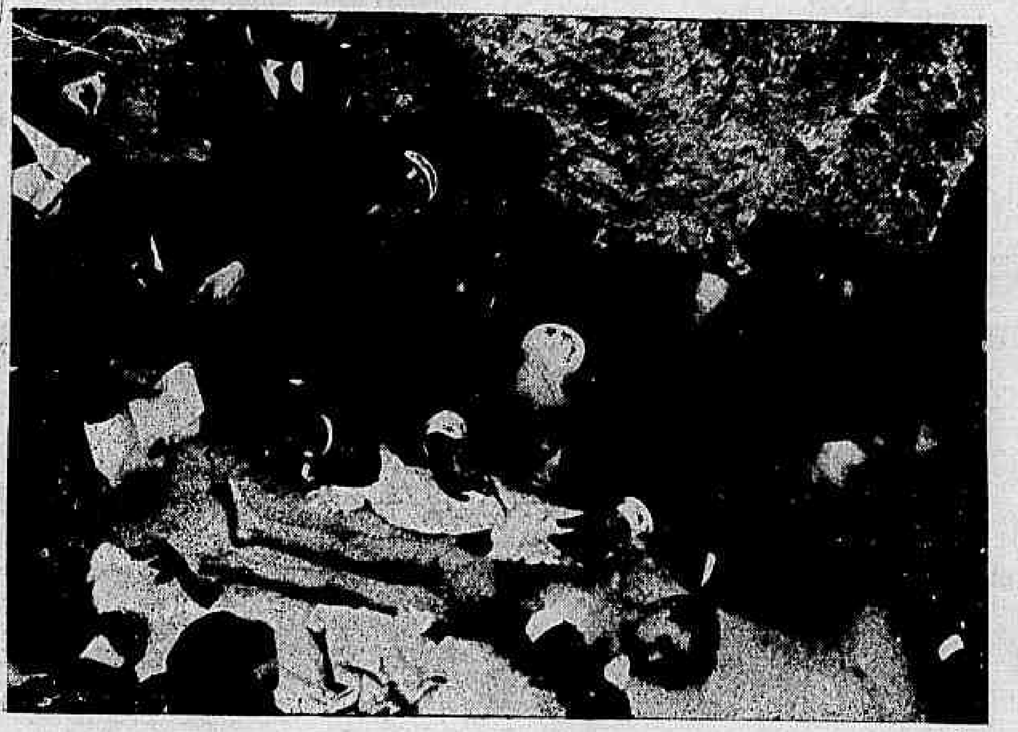
Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

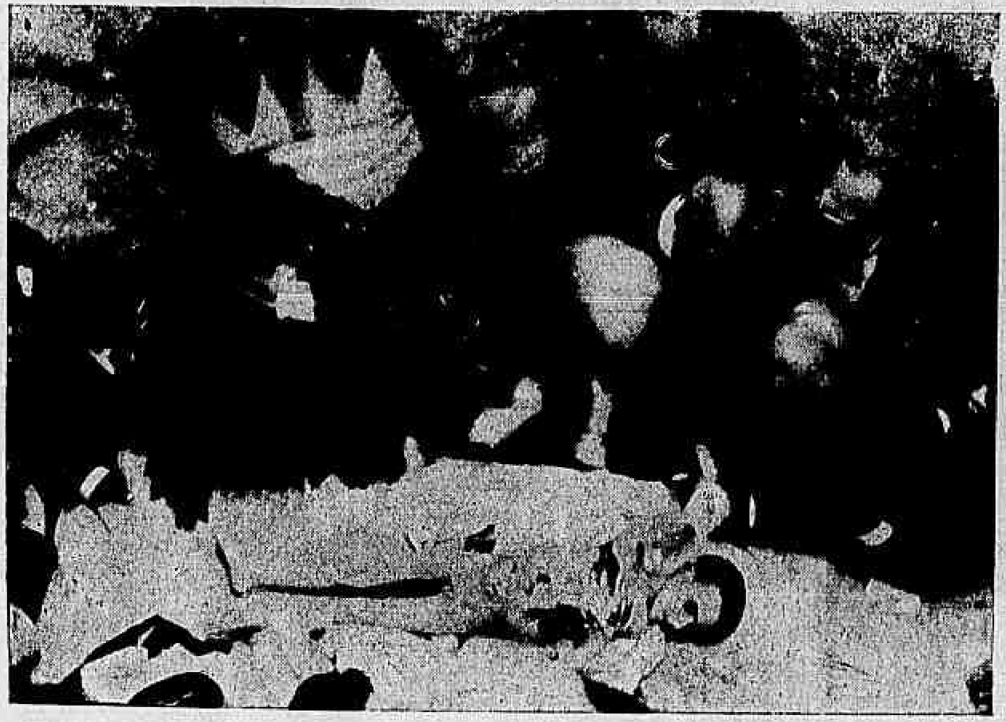
REVISTA DA SEMANA

Anno I. — N. 4 DOMINGO, 10 DE JUNHO *Numero: 300 réis*

A AUTOPSIA DE MARIA



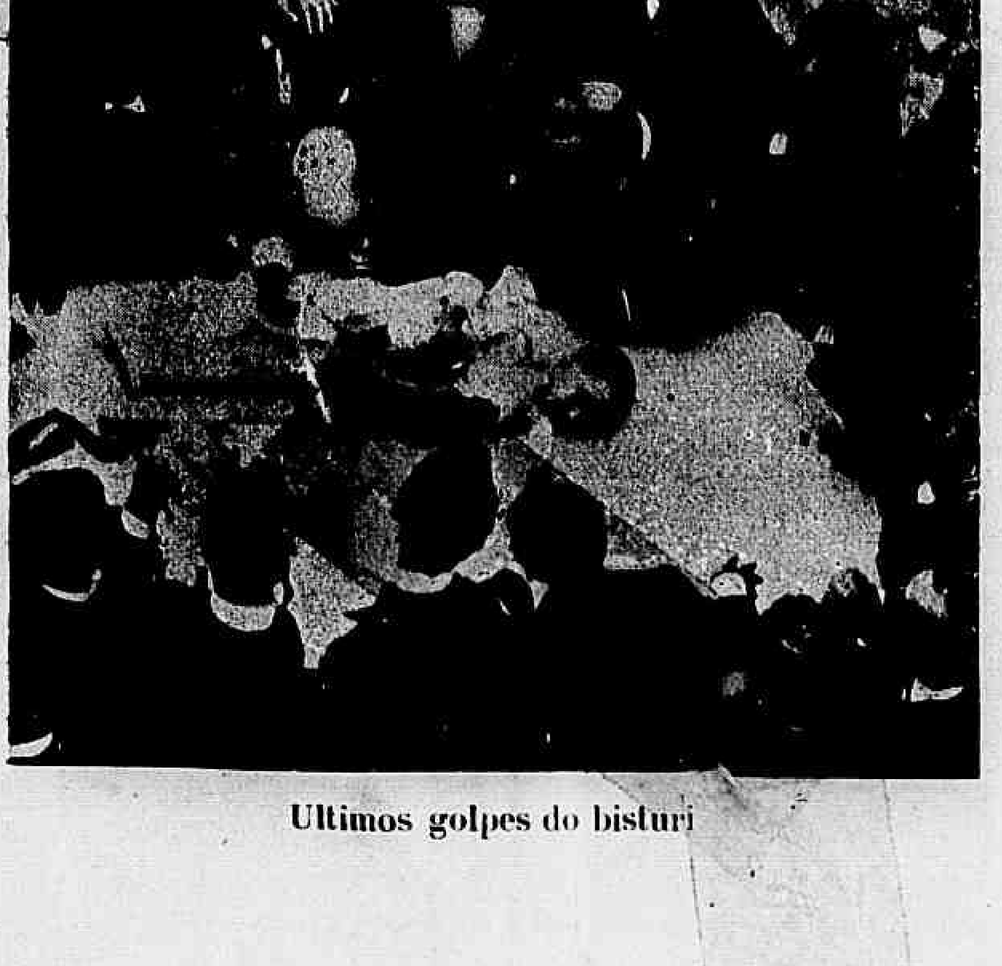
Primeira phase



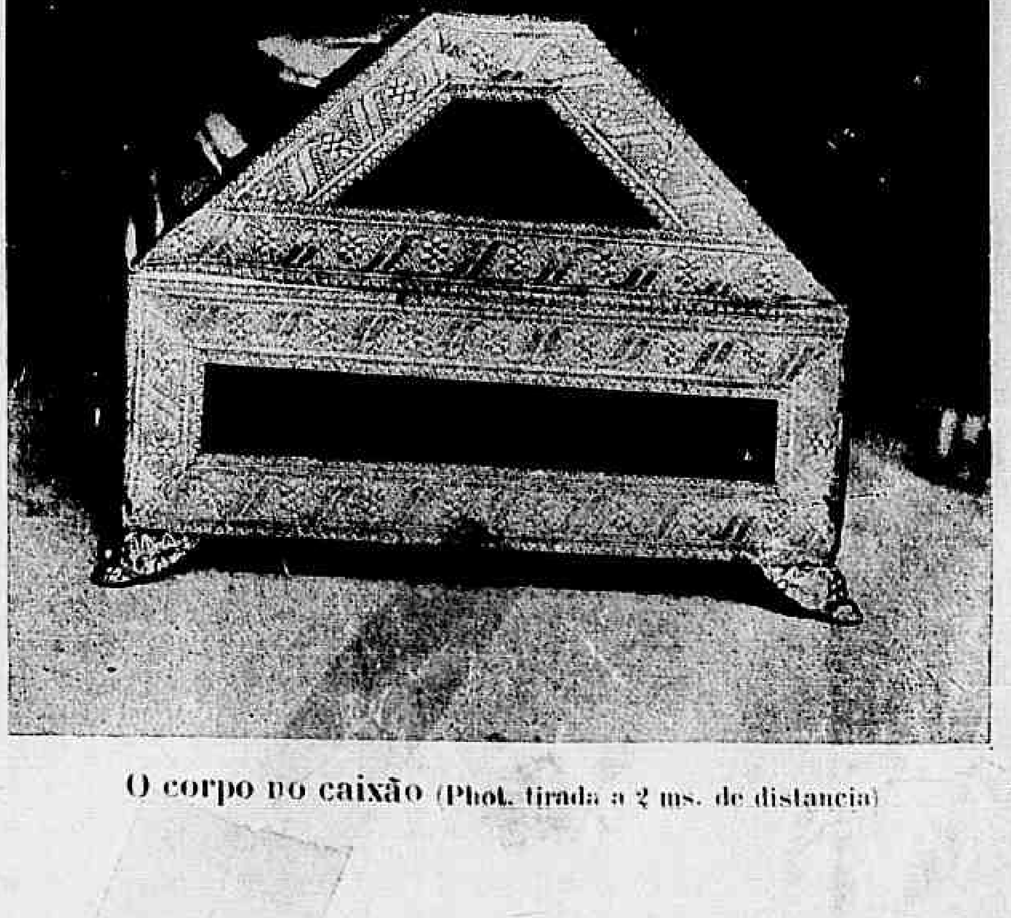
Segunda phase

(Photographias tiradas do alto d'uma janella do 1º andar)

As grinaldas (A que se vê no centro, ao alto, foi offerecida pela *Noticia*)



Ultimos golpes do bisturi



O corpo no caixão (Phot. tirada a 2 ms. de distancia)

O Dr. Ed. Chapot Prèvost. — Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e cirurgião illustre que, com exito brilhante, levou a cabo a operação da separação das xyphopagas.

CORREIO DA SEMANA

Rio, 10 de Junho.

Consulto as notas da semana: peste — xiphopagas; xiphopagas — peste; peste — xiphopagas; xiphopagas — peste... e assim decorreram os sete dias. E' por accaso, que encontramos a menção de um ou outro facto, expremido entre esses dous acontecimentos, que vão passando de uma semana para outra por entre os mesmos desvellos e os mesmos extremos de reportagem.

Se jamais de um ser humano se exigio uma tarefa difficil, foi de mim; se jamais um individuo teve o direito de se mostrar orgulhoso, esse individuo é o humilde rabiscador d'essas linhas se realizar o milagre de cumprir a missão que lhe foi confiada: fazer essa chronica sem tratar d'esses dois factos, já tão fartamente commentados.

Para tanto seria preciso uma intelligencia subtil e profunda ao mesmo tempo, um espirito fertil em recursos, de muito tacto, muita segurança de vista e muita arte de expressão... Seria preciso um individuo assim dotado: mas, quem sabe se eu não possuo todos esses requisitos?... Desconfio muito que sim.

Para começar, já descobri que é preciso transportar a Chronica para a Philosophia, ou a Philosophia para a Chronica, como diria o mestre festejado.

Pois, transportemos. E vejam que eu vou fallando ora no singular ora no plural, porque, effectivamente, é preciso fallar, ás vezes, como um só individuo, outras vezes, como uma multidão, afim de dar aos conceitos o valor de uma opinião consagrada. Isto já é Philosophia, mas não é esse o capitulo que pretendo esplanar aqui.

Uma dama, reputada espirituosa, dizia a um philosopho, d'esses que sabem dissipar duvidas:

— O que me admira é que isto, esses factos passados entre nós, dos quaes participamos diariamente, se transformem depois em *Historia*...

Não sei como respondeu o philosopho, mas eu teria retrucado:

— E a mim o que me espanta é ver tanto rumor em torno de factos e de typos que absolutamente não se transformarão em Historia.

Se a dama me pedisse a razão porque estes factos de tanta retumbancia não vão para a Historia, eu não saberia dal-a; se ella quizesse saber, ainda, como distinguia eu os factos *que vão para a historia* dos que para alli não vão, só me caberia responder:

— E' palpite!

Sim, só por palpite se póde julgar do valor historico de um acontecimento ou de um individuo. Pois não vemos? Temos para ahi mais de cem, mais de duzentos, mais de quinhentos estadistas notaveis, entre novos e velhos; é logico que nem todos irão para a Historia, quando mais não fosse por falta de espaço; como distinguir, assim, os que lograrão espaço na galeria dos permanentes, dos que passarão e desapparecerão amortalhados nos seus discursos, idéas e projectos.. Como distinguir?... Se ao menos os politicos fizessem como os litteratos? Se se immortalisassem de ante-mão...

Com os factos succede a mesma cousa. Vão ver que a Historia é muito capaz de esquecer essa peste, como esqueceu o cholera de 95, ou de calar o grande movimento de sympathia levantado em torno d'essas pequenas xiphopagas, como calou os nossos *meetings* em favor da Grecia e os nossos peditorios pelas victimas de Barcellona. Não se admirem nada se essa senhora, saltando por sobre os factos capitaes da semana, fôr mencionar acontecimentos tidos como insignificantes por todos nós. Ella lembrará, talvez, o nosso interesse e a nossa sympathia pelas infelizes pequenas, mas lembrará para dizer: «Emquanto na Capital do paiz a imprensa gastava meia pagina das suas folhas para registrar, diariamente, as differenças de centesimos de grãos na temperatura das operadas, no sertão de um dos Estados brazileiros, morriam á fome seres humanos, e a noticia era registrada sem um commentario, sem uma palavra de sympathia ou de piedade.»

Dizem que a Historia é implacavel... nasce d'essas approximações a sua implacabilidade. Por força que a Historia ha de registrar que, no anno de 1900, descutia-se muito, pelo mundo, a possibilidade da conquista do Brazil pela Allemanha, só o Brazil não se occupou d'isto: por essa época *disculia-se* a ortographia da palavra *Brazil*; numa semana só, o jornal mais importante d'este paiz publicou dois artigos, um dos quaes sustentava que se devia escrever *Brasil*, com *s*, e outro *Brazil* com *z*.

E se não mencionar isto, mencionará que se nós não nos preoccupamos com essas ameaças ou promessas de conquista é porque estamos certos de que a Allemanha, lá no seu intimo, nos teme e duvida muito que nos possa vencer. Somos um povo forte, senhor de si, solidamente constituido, não havemos de ser absorvidos assim como se engole um ovo fresco... E registrará ainda que nesta semana foi ou será apresentado um novo projecto de saneamento d'esta cidade...

Os nossos vindouros, ou os vindouros dos nossos conquistadores comprehenderão então a razão de ser do nosso optimismo, e dirão de nós: *elles julgavam do exito pela facilidade dos projectos...*

Foi o que me succedeu.

Mephisto.

MONSTROS

Porque e para quê a Natureza faz de quando em quando apparecerem monstros? O problema preoccupou os antigos philosophos e naturalistas. Uns acharam que elles eram «*lusus naturæ*», brinquedos da Natureza, phantasias, extravagancias. Outros viam ahi signaes divinos, annunciadores da colera do céo. Que, porém, a producção de monstruosidades podesse obedecer a qualquer lei não conseguiram jámais acreditar.

Foi Isidoro Geoffroy de Saint-Hilaire quem firmou essa verdade, lançando os lineamentos da *Teratologia*, a sciencia dos monstros. Hoje a producção d'elles em um grande numero de especies animaes, sobretudo nas aves, é facillima.

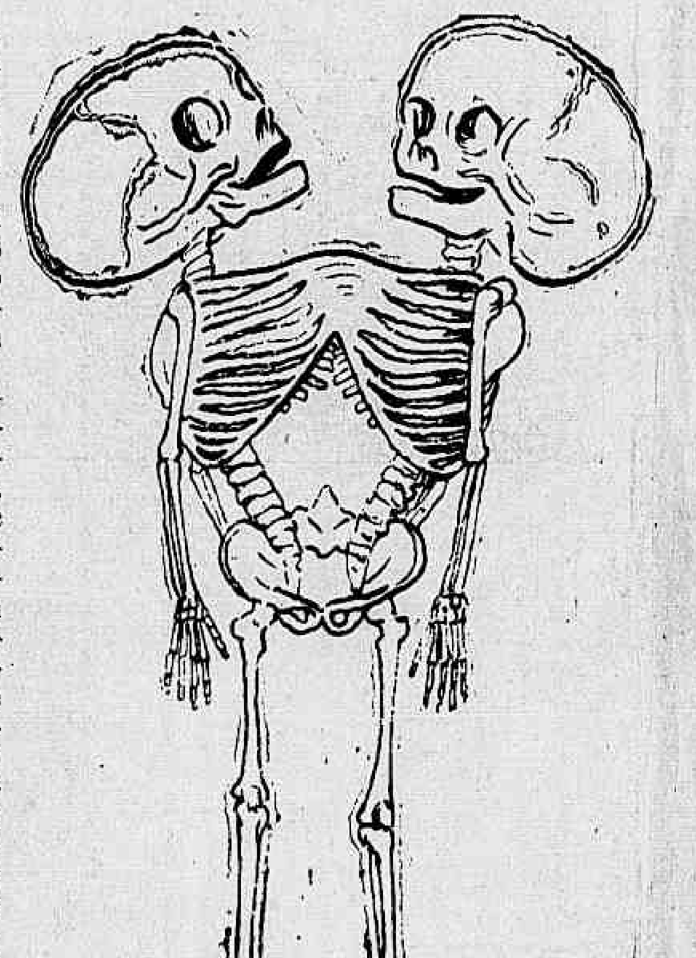
Está ao alcance de qualquer dona de casa que tenha uma gallinha no chôco obter esse resultado. Basta, por exemplo, já passar um pouco de verniz, ou cobrir de cêra, uma pequena parte do ovo, já obrigal-o a ficar durante toda a incubação em pé, já agital-o levemente em meio d'esse trabalho...

Afinal, as monstruosidades são sempre constituidas pelo excesso ou falta de desenvolvimento de qualquer orgam. Tomemos aquelle caso em que se tapou com cêra ou verniz certa parte da casca. O ovo precisa respirar por toda a superficie d'ella. Se isso não é possivel em um determinado ponto, a parte do embryão, que está justamente por baixo, não póde desenvolver-se com a mesma energia que as demais. D'ahi, um defeito, um aleijão. O mesmo succede se se obriga o ovo a permanecer sempre na mesma posição. Ha uma parte que fica bem aquecida, respira bem, permanece constantemente em boas disposições. Outra, ao contrario, vê-se privada de tudo isso. O desequilibrio tem de produzir-se.

Na especie humana, o caso não é diverso. Não ha ninguem que ignore como em ultima analyse o germen feminino é um simples ovo. O mesmo succede ao de todos os animaes. Por isso, quando a gente quer «fallar difficil» diz em latim que «*omne vivum ex ovo*», — o que é muito mais solemne...

As deformações diversas provêm sempre d'esse avantajamento de umas partes com detrimento das outras. No caso, porém, das xyphopagias e outras *grudações* analogas, ha, além d'isso, uma nova causa.

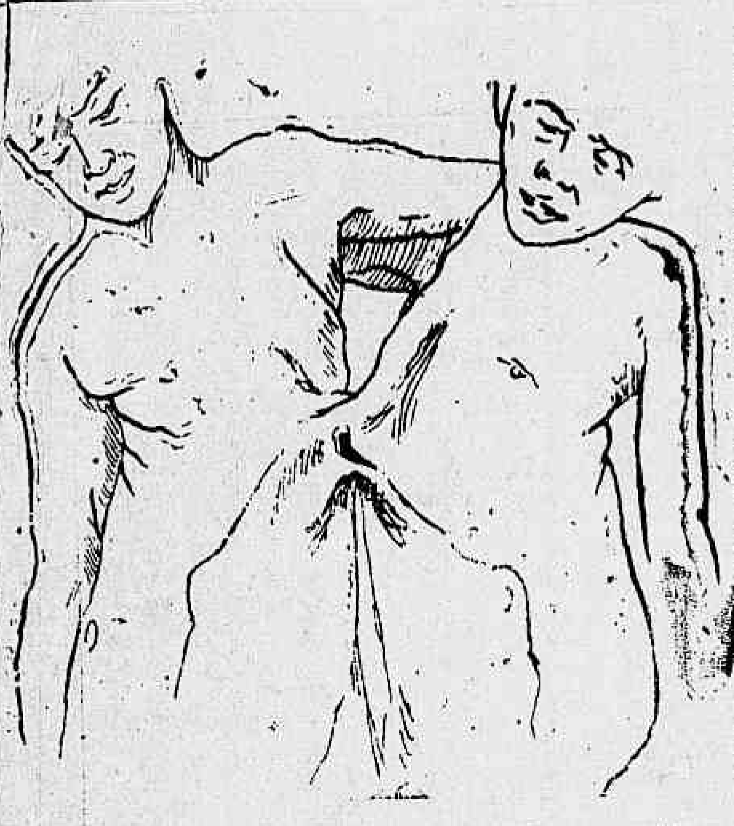
Em regra, a fecundação de cada germen feminino é feita por um só germen masculino. Dos muitos que chegam até perto do ovo e que o assediam, buscando conquistal-o, elle escolhe um, pelo qual manifesta a sua predilecção. Durante muito tempo, acreditou-se que effectivamente a cellula reproductora feminina ficava quietinha, immovel, até que um representante do sexo masculino a tomasse de assalto. Hoje sabe-se que as cousas não se passam assim. O ovulo feminino não acceita qualquer lhagalhé, ao acaso: quer saber com quem lida! indica de quem gosta, estendendo em sua direcção uma pontinha (o que se diz, com emphase: um *prolongamento amiboide*). Feito isto, os outros candidatos á conquista, uma vez vencidos, desertam ou succumbem — e da fusão dos dois germens resulta um ser humano.



Mas ha casos em que o ovulo não sabe defender-se. Diz um dictado nosso: *onde passa um brazileiro, passa segundo e terceiro*. Em certas occasiões é o que dizem os germens masculinos ao candidato victorioso: «Ah! você entrou? Pois eu tambem entro!» E zás! sem a menor delicadeza, esgueira-se a membrana que envolve o ovulo e penetra. D'ahi, a complicação de um só germen feminino, fundido, *casado* com dois germens masculinos. Isso dá logar á gravidez dos gemeos — gravidez que, entretanto, pode tambem provir da fusão normal de dois ovulos e dois germens masculinos, constituindo dois casaes regulares, honestos, sérios, burguezes, respeitaveis.

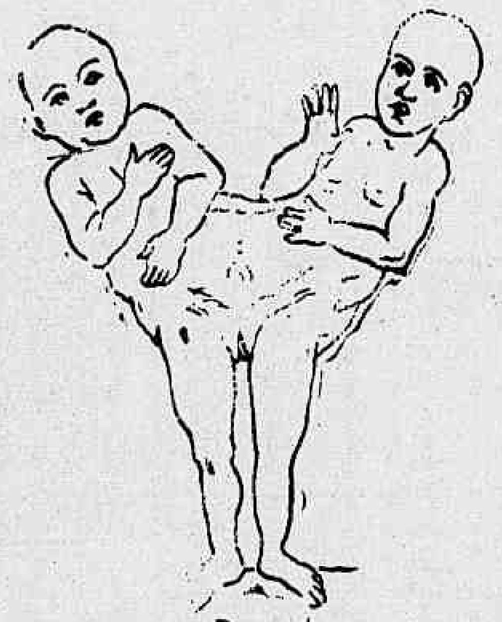
Os gemeos de um só ovulo é que são devéras os bons gemeos, os que apresentam a maravilhosa concordancia de idéas, de pensamentos e até de affecções, tantas vezes notada. Cada um pode dizer do outro que é a carne da sua carne, que constitue realmente «a sua cara metade»: cada um é meio-ovo. Os outros gemeos são apenas, antes de surgirem cá fóra, dois visinhos. E' certo que uma visinhança de novemezes, num carcere tão estreito, deve inspirar sentimentos de reciproca amizade... Mas não é a mesma hypothese dos primeiros: alli o aperto é maior.

Comprehende-se mesmo que elle seja tão grande que dá logar a muitos aleijões. Os *grudamentos* xyphopagos, cephalópagos e outros, devem provir principalmente d'isso. Em primeiro logar, a união dos dois embryões, cercados com um só envolucro, é extraordinaria. Depois, por isso mesmo, na repartição do meio-ovo que deve caber a um e do meio-ovo que toca ao outro, ha ás vezes brigas, contestações, zonas limitrophes disputadas. Ora, como a arbitragem ainda não está adoptada nas contendas entre fetos,



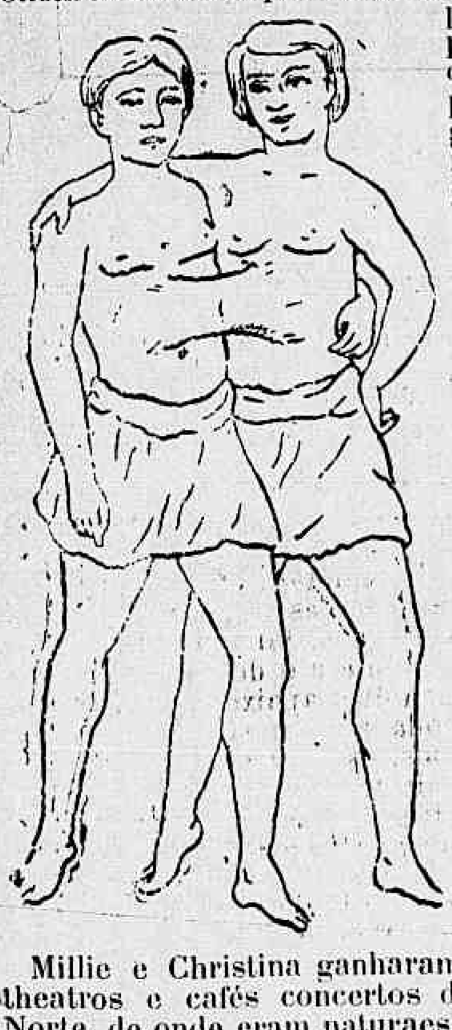
o resultado é que ficam certas partes do corpo, a que ambos se julgam com direito, sem que ninguem possa decidir. E vem ao mundo as xyphopagas... Diz uma: «Essa pelle da barriga é minha!» Responde a parceira: «Bôas! muito minha!» Uma queria um pedaço maior de figado; a outra não deu. Não havendo chegado a decidirem o litigio vieram cá para fóra, ainda brigando...

Em resumo, parece que a Natureza nesses casos não teve força bastante, para completar a formação independente dos dois sêres. Exemplos tem havido, como os que damos em varias gravuras, de gemeos com dois corpos distinctos e uma só cabeça — ou antes duas cabeças fundidas, com um ou dois rostos. A estes ultimos chamam-se *janiceps*, em lembrança do Deus Jano, adorado pelos romanos e que tinha duas caras. Foi esse deus, a que ninguem poderia com justiça chamar *descarado*, porque, ao contrario, era *bi-carado*, — foi essedeus que baptisou o mez de *janeiro*, mez que olha para o anno que passou e para o anno que vem. Mas de todos os cephalopagos o mais curioso foi talvez aquelle em que as duas crianças vieram grudadas pelo craneo em angulo recto. Mais um bocadinho de osso — e a monstuosidade teria desapparecido!



Ambroise Paré deixou indicação do caso de um monstro feminino perfeitamente bem conformado até a cintura, mas com duas cabeças.

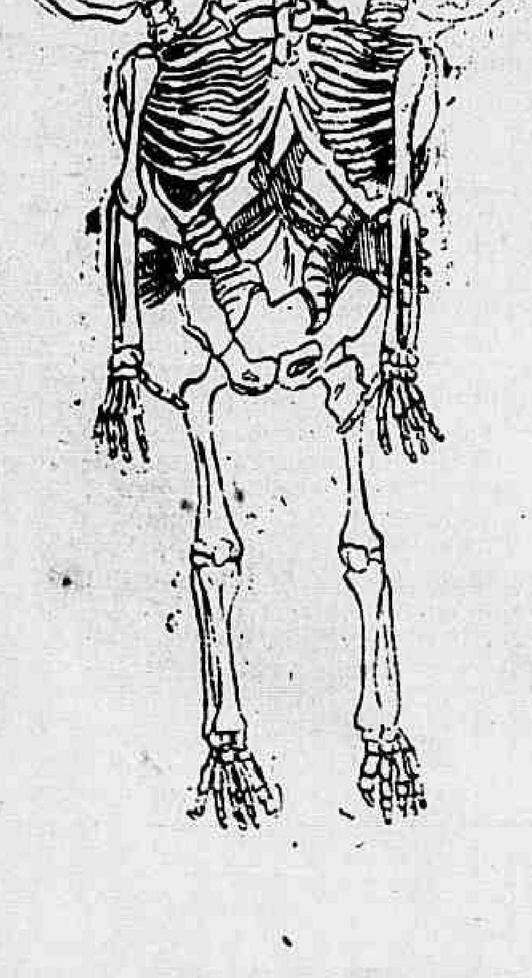
De Rita e Christina, monstro xyphopago, damos o esqueleto e o retrato. As duas irmãs viveram apenas oito mezes. Geoffroy de Saint-Hilaire pensa, entretanto, que teriam durado mais, se a policia não tivesse prohibido que se exibissem ao publico. Os paes, pobres miseraveis que tinham feito para isso uma longa viagem, soffreram taes privações, que as pequenas não podiam deixar de resentir-se. Experiencias diversas demonstraram que cada perna pertencia a uma: só a sua dona sentia o que nella se passava. Os dois intestinos fundiam-se a partir do *ileum* e desembocavam num orificio commum. O mesmo succedia aos orgãos sensuaes. Não obstante, em sêres tão unidos, os corações eram distinctos e pulsavam em rythmo bem diverso.



Millie e Christina apresentam uma juncção diversa: os corpos de uma e outra são distinctos, salvo na terminação do intestino recto que é commum. A reunião das duas faz-se pela parte inferior dos ossos da espinha dorsal: têm as ultimas vertebras soldadas. A união era ainda maior entre Helena e Judith, que possuiam em commum não só a terminação do intestino, como o orgão sexual. Viveram assim, até os vinte e dois annos.

Millie e Christina ganharam a vida exhibindo-se nos theatros e cafés concertos de Paris e da America do Norte, de onde eram naturaes.

Dos irmãos siamezes damos aqui varias gravuras. Ellas mostram bem como se fazia a ligação entre elles, ligação muito menos intima que a das xyphopagas operadas pelo eminente cirurgião brazileiro Dr. Chepot Prévost. Do fim horrivel de um d'elles, que sobréviveu ao outro algumas horas, já aqui se fallou no *Correio da Semana* do numero anterior. Morreram aos 63 annos.

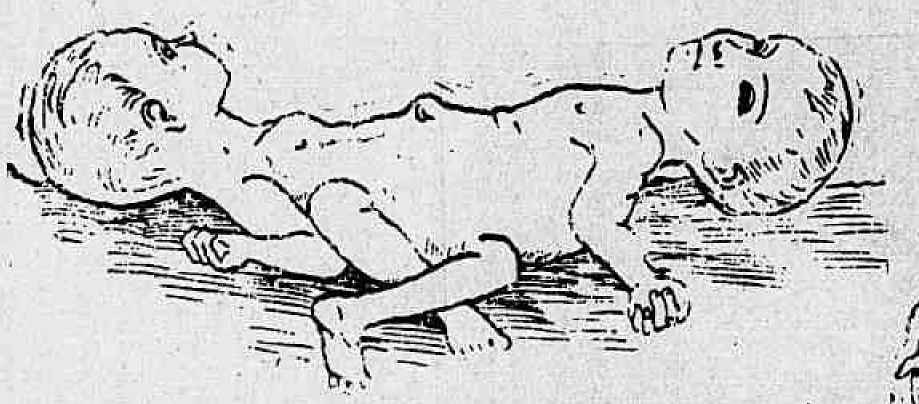


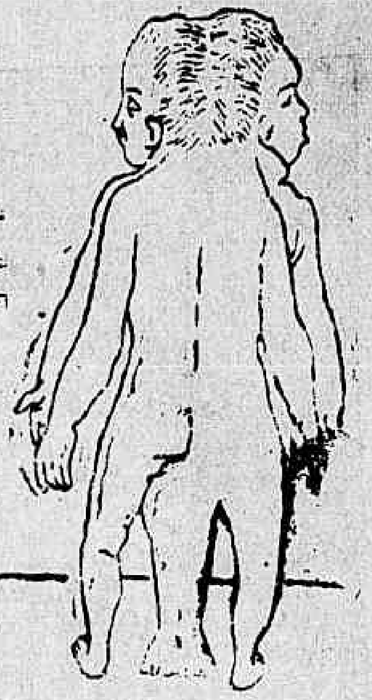
Não caberia nesta revista a lista, embora summaria, de todos os monstros celebres. Mesmo limitando-a aos authenticos, sobre cuja realidade não ha duvida, o numero é immenso. Maior seria ainda, se, como fazem muito louvavelmente, certos paes não escondessem os seres disformes, que procrêam e que não logram crescer.

A existencia de quasi todos os que chegaram a desenvolver-se foi a miseria de figurarem como animaes raros, expondo-se á curiosidade publica. Na China ha, por isso, fabricas de aleijões: não parece, entretanto, que se tenha por lá tentado o xyphopagismo artificial.

Não seria aliás impossivel obter a reunião, ao menos pela epiderme, de dois animaes, ferindo um e outro e reunindo-os até que a cicatrisação de ambos tivesse logar, soldando-os.

A esse proposito, é talvez opportuno lembrar o que succede com o polipo chamado *Hydra* e que possue numerosas singularidades. Não figura entre





as menores a de poder, quando se lhe parte ao meio a cabeça, reconstituir outra metade para completar cada uma das porções seccionadas. Fica d'esse modo com duas cabeças. Si se repete a graça, elle repete a pilheria: póde assim vêr-se dotado, nem mais, nem menos, que de meia-duzia de cabeças! E si a gente corta uma d'ellas, separando-a do resto do corpo? Succede esta cousa muito simples: da cabeça grêla e forma-se outro corpo; do corpo nasce e cresce outra cabeça! Melhor ainda: póde-se num d'esses animaes enxertar duas ou tres cabeças de outros: «pegam» perfeitamente, como os galhos de certas arvores.

E pensar que ha pelo mundo tanto animal da nossa especie, que não se utilisa da cabeça e podia, si se conseguisse entre homens repetir a proeza das *hydras*, emprestal-a a quem a soubesse aproveitar melhor!

Pedro Zaluar.

O fallecido **Dr. Silva Araujo.** Presidente da Academia Nacional de Medicina.

Neste numero, quasi todo consagrado ao brilhante feito operatorio do Dr. Chapot Prévost, fica bem a subscripção, que ora iniciamos em favor de Rosalina. A idéa não nos pertence. Quem a teve foi uma criança. Que as crianças a acolham como merece. Como, porém, quizemos juntar á lembrança alheia alguma cousa do nosso concurso pessoal, pensamos em offerecer aos subscriptores um pequenino premio.

ROSALINA

Um premio a subscriptores.

Aqui, em pagina especial, daremos o retrato de quantas crianças — e só crianças — nos enviarem a sua contribuição, que fica marcada para todos uniformemente em 2$000 réis. Com essa quantia, deve vir em envolucro fechado a photographia do doador. Fica, porém, entendido que essa photographia não será restituida. Para este caso especial, revogando solemnemente todas as regras do direito, admittimos que até crianças de alguns dias ou mezes possam ter a idoneidade bastante para passar procurações... Desde que em nome d'ellas recebamos a somma marcada e a competente photographia, teremos como perfeita a transmissão de podêres e aqui lhe publicaremos o rostinho gentil...

Os donativos podem ser enviados ou para o nosso escriptorio (rua do Lavradio 150) ou para o da *Noticia*, que se presta, por especial obsequio, a recebêl-os.

(Cliché communicado pelo *Brazil Medico*)

(Cliché communicado pelo *Brazil Medico*)

UM JURAMENTO

—Vem alegre, hoje!

Mario Guerra acabava de entrar na sala, flammante na sua toilette clara, grande plastron estufado onde negrejava uma moeda antiga, luvas amarellas atadas na bengala flexivel, aos nós, vibrante e esguia como um florete. Beijou a mão que lhe estendiam, com a elegancia classica, geometrica d'aquelles bellos senhores da Renascença e, emquanto se sentava, respondeu naturalmente:

—Alegre? Sim, creio bem, muito alegre.

Dulce ficára a olhal-o, a medil-o d'alto a baixo, com os olhos brilhantes, num enlevo vaidoso, admirando-o e pensando que tudo aquillo—toilette, elegancia, espirito—andava armado só para ella, e movia-se, e brilhava, por sua exclusiva intenção.

—Mas... todo risonho, todo no ar...—repisou a viuvinha, cheia de curiosidade.—Que lhe aconteceu? Diga!

—Que me aconteceu?—E Mario Guerra encolhia os hombros, admirando a pergunta.—Isto: Vel-a. A senhora sabe muito bem que, hoje em dia, só me podem acontecer duas cousas: vel-a ou deixar de a ver.

—Está bom, começa!

Era uma impertinencia aquillo, galanteal-a a todo o momento, a proposito de tudo ou mesmo de cousa nenhuma, implacavelmente, incorrigivelmente. A sua conversa eram só cumprimentos, madrigaes. «Tudo em verso», como ella dizia, fingindo-se espantada de não vir ao cabo de cada phrase a rima sonora e rica. Oh, que insupportavel creatura!

Então, como quem tudo explica, cabal e indubitavelmente, Mario Guerra affirmava mais uma vez o seu amor. Era elle, sim, o amor, que o inspirava, que lhe dictava aquellas cousas sinceras, simples, humanas. Que fazer, se a ella, ao seu duro coração, á sua indifferença de pedra, tudo lhe parecia postiço, phrases feitas, decoradas em casa, e calculadamente jogadas? Ah, ella não o estimava! Por isso!

—Cale-se, doido!

Não. Mario Guerra não estava naquella noite disposto a calar-se. Havia de assoalhar alli todos os seus sentimentos, pintar a sua paixão com as côres mais vivas e os termos mais prolixos, esgotar-se em eloquencia, morrer talvez—mas tendo fallado, impavido e convicto, até a ultima! A viuvinha ria, ria...

Era o que mais a captivava nelle, a sinceridade do seu affecto através aquelle remoinhar de espirito, um sentimento tão serio e tão fino, rolando limpido sobre uma torrente de incoherencias. Ria, mas disfarçava, negando e fugindo sempre, perdida de riso e ainda simulando não mais querer ouvil-o—que se contivesse, que se calasse pelo amor de Deus!

—Pois bem. Diga francamente se me ama. Eu creio que sim, que sou amado... Mas porque m'o não diz quando eu lh'o pergunto a serio?

Chegava o seu fauteuil para mais perto do sofá em que ella pousava; e o seu ar era todo de meiga supplica, um parenthesis, commovido a meio de tanta alegria e tanta blague. Bebia-lhe o olhar, esperava as suas palavras como uma esmola do Céo. Dulce, numa das suas respostas cheias de ironia, adoravel de graça e de faceirice, apontou o retrato que ornava a parede fronteira, retrato de corpo inteiro, um senhor gordo e alto, de soiças caprichosamente aparadas, faxa maçonica em diagonal sob a casaca solemne.

—Precisamos respeitar aquelle.

—Aquelle!—E Mario sentio todo o seu humor, a sua ardente veia renascer, escachoar, extravasar.—Mas quem é aquelle?—Interpellou o quadro inoffensivo, em guinadas de odio, cravando-lhe olhares flammejantes.—Quem és tu, phantasma? que pretendes de nós com essas barbas de commendador, essa barriga cheia de sóes e de triangulos? Com que direito e com que força tentas oppor-te á minha felicidade, dize, paspalhão! Que foste marido d'esta senhora que nos escuta? Mentes! Esta senhora veio de França numa condeça, directamente para cima d'aquelle movel onde ha vinte e seis annos me espera. Vamos, não me olhes que eu não sou o Supremo Architecto—felizmente. Se tu tivesses um pouco de juizo...

Interrompeu-se, porque já Dulce lhe puxava pela manga, achando demais, vexada d'aquella falta de respeito e da graça que ella, involuntariamente, irresistivelmente, lhe achava. Então, para o contentar, para o amimar, como se dá um bolo a um nenê, foi a uma jarra buscar-lhe a rosa mais bella do ramo; ella mesma lh'a enfiou na botoeira, com sorridente expressão de carinho:

—Ahi tem; agora faça favor de se calar.

Mario contemplou um momento a flor, uma esplendida Principe Negro, que parecia de velludo humido, e beijou-lhe com amor as petalas vibrantes.

—Impostor! Sahe d'aqui, joga-a fóra...

—Oh! para que falla assim? Hei de guardal-a até á morte, juro!

Nisto, a criada annunciou visitas. Houve um embaraço. Mario afastou o seu fauteuil e, instinctivamente, Dulce olhou de relance o espelho, aperfeiçoando com duas pancadinhas das suas claras mãos o penteado, na testa e dos lados.

As visitas entraram, num alarido, um estrepito jovial de beijos, choques de pulseiras, gritinhos, risadinhas. Eram duas mamãs, com o seu rancho de meninas cada uma. Sentaram-se, fazendo muita ceremonia, cheias de cumprimentos para Mario Guerra, que, sorrindo, desfazendo-se tambem em amabilidades, mal disfarçava o desasocego em que o deixára a invasão.

— Pois é verdade. Fomos á Ladainha...

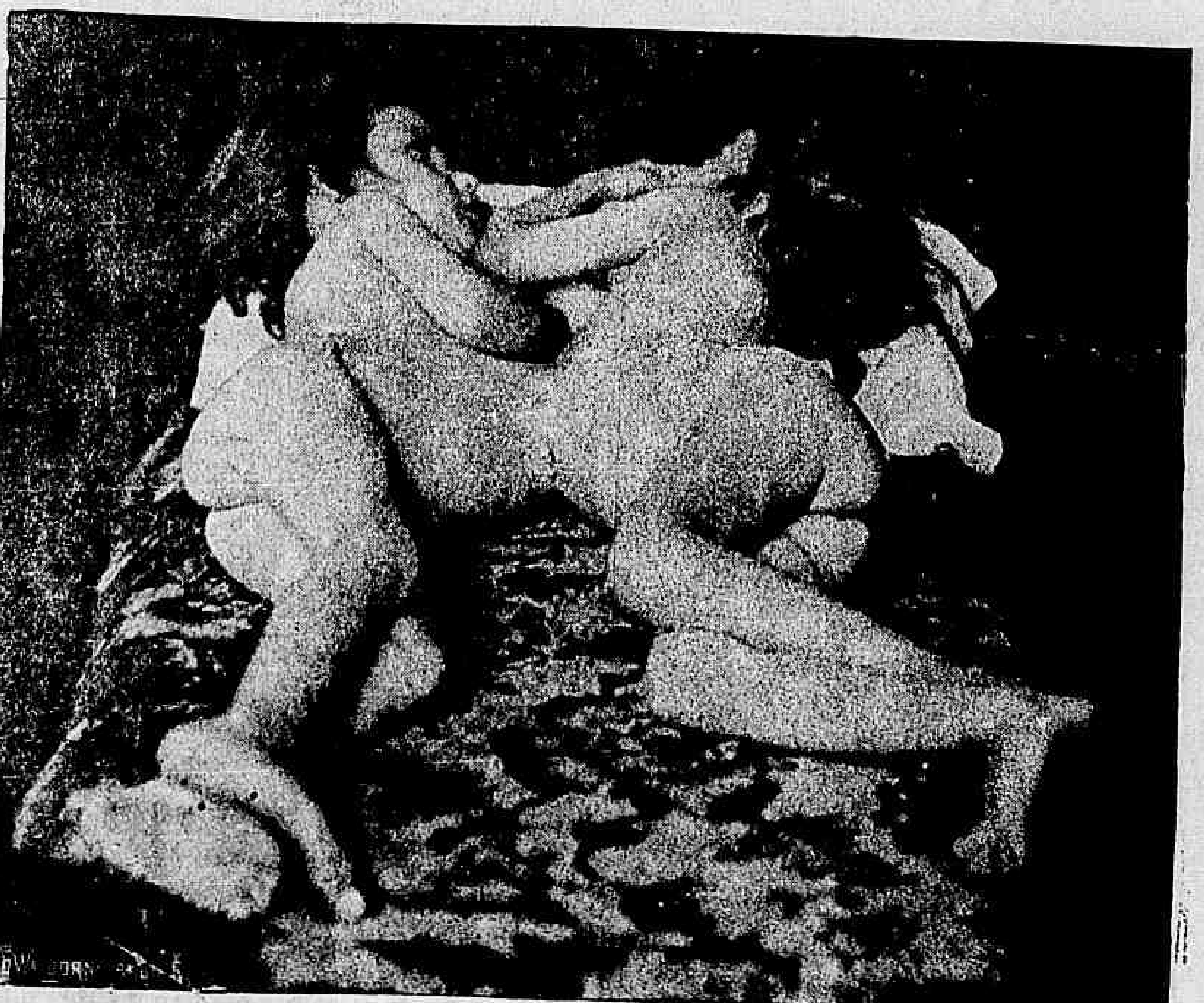
—Sim? perguntou Dulce, para dizer alguma cousa.

—E que tal?

— Assim, assim...

Vieram commentarios á Ladainha. Muitas senhoras; toilettes, nem por isso; Fulana, horrivel, de branco e amarello, dando idéa d'uma fritada; Sicrana, era sabido, aquelle namoro escandaloso, que ninguem calculava onde iria parar—porque elle, «isto entre nós», era um fraca figura, um pouca roupa. Quem estava linda, linda—a sinhá Tal.

Uma das senhoras achou essa belleza da época, a tão gabada sinhá, uma assanhada; outra considerou-a vaidosa, sem ter de que, «isto entre nós»; emfim, o que alli havia, com franqueza, era muito mais vozes que nozes, muito mais fama que proveito.



(Cliché communicado pelo *Brazil Medico*)

—E ahi está, concluio pachorrentamente Mario Guerra, o que foi a Ladainha.

—O senhor não costuma ir? perguntou uma vozinha amavel.

—Não, minha senhora, não costumo.

—E', os homens têm outras distracções, os cafés, os clubs...

—Sim, minha senhora, e os escriptorios, e o pão nosso de cada dia, e os livros... Temos muita cousa, por desgraça nossa!

Não podia mais; perdia completamente a calma, indignava-se ao ver a Lolota, uma das pequenas, sentada ao lado de Dulce, muito chegada, fallando-lhe ao ouvido, rindo muito. Essa Lolota era o desespero do seu amor. Tinha ella um irmão, antigo apaixonado de Dulce, ninguem o ignorava; e toda a animosidade de Mario provinha desses segredinhos, essas meias palavras, em que elle constantemente via transparecer a pretenção do *outro*, através as faceirices da sua protectora. Dulce, ora maguada, ora offendida pelas accusações de Mario, negava tudo. Mas elle via, elle ouvia, elle adivinhava... E acabou por odiar Lolota, odial-a á sua moda, chamando-lhe mademoiselle Mercurio, dona Mephistopheles, crivando-a de epigrammas. Lolota sabia d'isso e jurava desmoralisal-o na sociedade.

Nunca, porém, como nessa noite, Mario se sentira irritado, enraivecido. Já não dava resposta direita; a fronte ardia-lhe, via estrellas; e só lhe acudiam impetos de praticar alguma grande nsolencia, algum acto de selvageria que de qualquer maneira pozesse termo áquelle cochichar torturante, áquelle entre-sorrir mysterioso das duas, contra o qual elle não podia dignamente revoltar-se, preso alli pela cortezia e ainda obrigado a sorrir, a ser cavalheiro, a fazer sala!

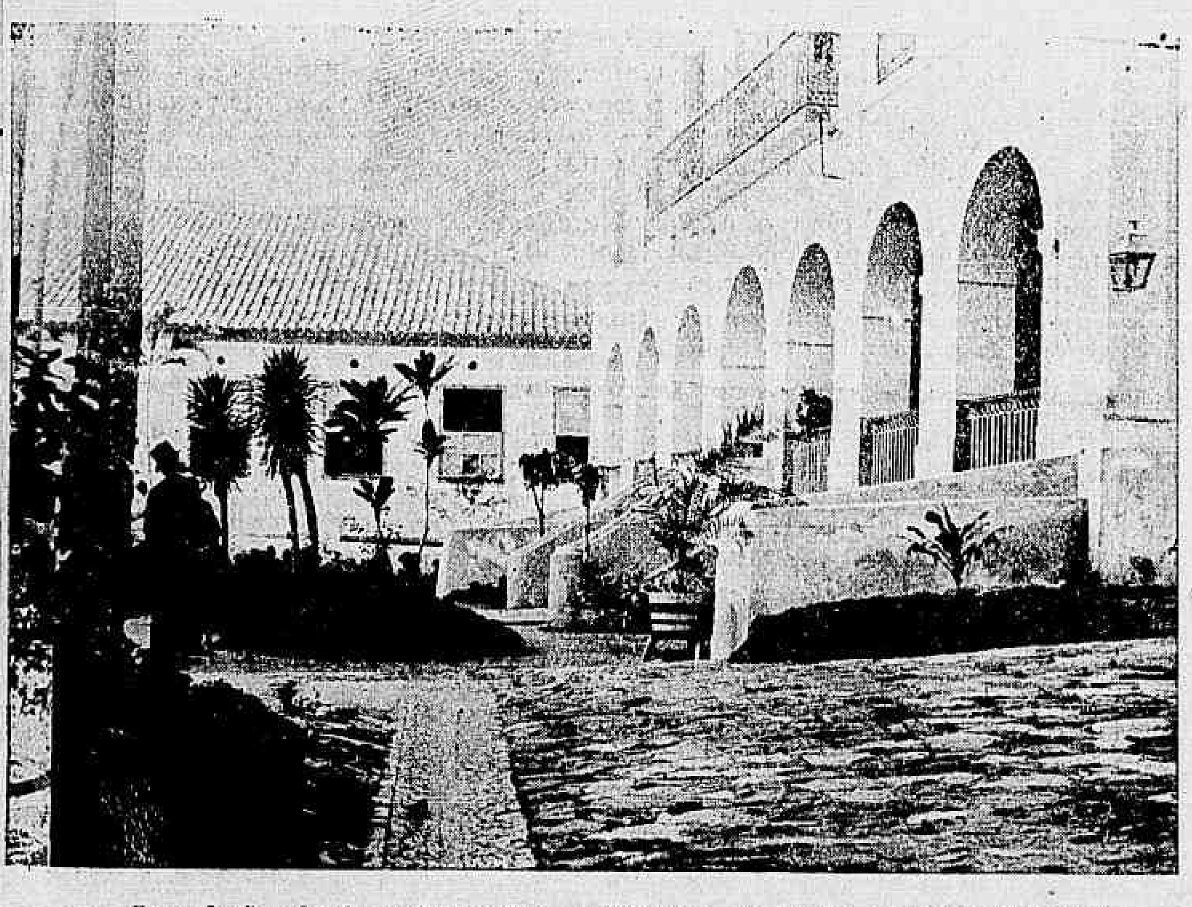
Valeu-se do sangue frio que ainda lhe restava, chamou a attenção de Dulce para um ponto da palestra; perguntou-lhe a sua opinião simplesmente, naturalmente, mas, no olhar que lhe despedio, ia um turbilhão de queixumes e de supplicas, que ella não poderia deixar de comprehender... Sem desviar a attenção da sua confidente, a viuvinha respondeu:

—Sim, deve ser isso...

... e continuou bebendo os segredos de Lolota, talvez por não avaliar a agonia do pobre Mario, ou, quem sabe, por este requintado espirito de crueldade que não raro accommette as mulheres, incitando-as a fazer soffrer, desesperar, os que perdidamente as amam.

Mario sentio-se humilhado, desprezado, calcado aos pés como um chinello vil. Instantes depois, erguia-se, muito pallido, e despedia-se sob o estupido pretexto «d'umas voltas a dar». Ao sahir tropeçou em dois moveis.

Ia furioso. Atravessando a rua, desvairado, numa febre, a badine floreteava-lhe na mão nervosa,



Casa de Saude de S. Sebastião. — Entrada. Ao fundo, o pavimento terreo é a casa-forte dos alienados perigosos.

Na Casa de Saude de S. Sebastião. — O Dr. Chapot Prévost entre os leitos das duas meninas, quando, quatro dias depois da operação, nada fazia prever o triste fim da pequena Maria.

como se ella propria, a badine, sentisse vontade de castigar alguem.

Apertou o passo para mais breve se afastar d'aquelle logar de soffrimento. E acudiam-lhe agora as palavras tremendas que devia ter proferido, as indirectas penetrantes que devia ter vibrado contra aquelle peito ingrato. Desprezado! humilhado! Precisava desabafar — mas com quem? alliviar-se d'aquelle peso torturante que o abatia e esmagava — mas em que coração bastante amigo depositar sentimento tão melindroso? Depois, assaltavam-no impetos de vingança: fazel-a soffrer tambem, á ella, causa unica de todo o seu mal. Mas amava-a tanto... E, no seu espirito, estas impressões de magua, de revolta, de desespero, de odio, baralhavam-se, confundiam-se, morriam successivamente como fogachos tenues e fugidios.

Indifferente ao que encontrava, sem reconhecer pessoas nem logares, continuava na sua marcha desorientada, quebrando esquinas ao acaso, atravessando praças sem destino certo. Atordoar-se era o unico remedio; uma sensação bem profunda, bem forte, que lhe empolgasse todos os sentidos, lhe embotasse na alma aquelle agudo espinho martyrizante.

De repente, soprou-lhe ao ouvido um *pst!* gaiato; reparou; estava defronte d'um rez-do-chão com cortinados. Fazendo um geito de estacar, logo a porta se lhe abrio, numa estonteante promessa. Então, sem hesitar, como se obedecesse a um destino, enfiou por aquelle corredor que se lhe afigurava conduzir ao esquecimento.

Sahio pouco depois, desilludido e enojado. O cheiro a cold-cream e roupa suja, que reinava lá dentro, trazia-o pegado a si; roia-o um remorso surdo, sarna que lhe empolara na alma, logo apoz a decepção; e de novo a vontade de andar muito e depressa, de se cançar, o acometteu, numa tontura mais forte.

Resolveu ir para casa, curtir aquelle desespero na solidão do seu quarto, onde não fosse ridiculo senão perante si mesmo, onde ninguem o pudesse ver chorar — porque era positivamente de chorar que tinha vontade agora, premindo os beiços para não largar em soluços alli mesmo, na rua, cerrando com força os olhos

Casa de Saude de S. Sebastião. — A galeria.

Na Casa de Saude de S. Sebastião. — O cavalheiro que tem uma das mãos apoiada na cadeira, é o Dr. Simões Corrêa, seu director. A' direita, ao fundo, está o engenheiro Dr. Armando de Araujo. Junto, com um folheto na mão, está o Dr. Rodolpho Chapot.

onde as lagrimas assomavam com impeto, numa catadupa. O quarto de hora até chegar a casa pareceu-lhe interminavel; não avançava, o quarteirão era sempre o mesmo, as esquinas fugiam d'elle...

Chegou finalmente. Ah, o seu quarto de solteiro! Fechou a porta á chave, accendeu a vela, arremessou o chapéo, a bengala, as luvas. Como estaria a sua physionomia no meio d'aquelle inferno? Olhou o espelho... E então um estertoroso grito lhe escapou, sentio-se coberto de suor, foi cambaleando até o leito. A deslumbrante Principe Negro cahira-lhe, perdera-a; e a lapella abria-se mais larga, alastrava-se por toda a gola, deserta e negra...

Fóra decerto naquella infame pocilga que ella ficára. Passada aquella crise de mortal abatimento, Mario arrebatou de novo o chapéo, voou á pocilga.

— Uma rosa! uma rosa que me cahio ahi dentro! Principe Negro, não vio? Deixe-me passar.

— Bem arranjado! Estava no tapete; veio outro homem: — Me dá esta rosa? — Para que queria eu a rosa? Nem sabia de quem era... — Póde levar!

E elle que jurára, beijando-a, guardal-a até á morte!

JOÃO LUSO.

A mim que importa.
a mim, cuja esperança ha muito é morta,
que o tempo como um rio que se escôa,
nos arrebate as illusões que temos?
— Deixo em descanço os fatigados remos,
e que o barco da vida boie á tôa.

JULIA CORTINES.

Longe de ti, blasphemo, exalto-me, protesto,
a fraqueza escondendo, em ostentoso alarde...
— Appareces: e basta uma palavra, um gesto,
humilha-se de novo o coração cobarde.

ANTONIO FEIJÓ.

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

A igreja e os microbios. — As orações são talvez excellentes para afugentar as molestias. Mas os desinfectantes não deixam por isso de se tornar vivamente recommendaveis. Um bispo italiano, Monsenhor Franceschini, fez examinar por illustre microbiologista as impurezas das pias de agua benta da sua diocese. Os resultados foram espantosos: havia microbios de todos os feitios e todas as especies conhecidas. Diante d'isso Monsenhor sahio do sério e passou uma circular aos seus vigarios mandando-lhes:

1º — que recommendem ao povo, nos seus sermões, todos os cuidados de hygiene:

2º — que, depois dos dias de festa, façam sempre desinfectar o pavimento das igrejas, com uma solução forte de sublimado;

3º — que tomem a mesma precaução, a miudo, com as grades dos confissionarios, lavando-as com agua fervendo;

4º — que, ao menos uma vez por semana, façam esvasiar as pias de agua benta, desinfectem-as a sublimado e encham-nas por algum tempo com agua fervendo.

O extraordinario bispo foi mesmo mais longe: creou uma inspecção hygienica especial para as igrejas.

Sem duvida, tudo isto é sabio, prudente e bem entendido — mas é tambem de uma tristeza atroz. Tempos de tão pouca fé, em que até os microbios ousam proliferar nas pias de agua benta! Quando Santa Thereza instituiu a ordem do Carmo e escolheu para as monjas um burel espesso, que mais especialmente lhes devia mortificar as carnes, uma epidemia de percevejos encheu as roupas das religiosas. Nem um momento ella pensou no sublimado corrosivo! Poz as freiras em fila, a cuja frente se collocou e marchou, cantando, em torno da igreja, a supplicar a Deus que exterminasse a maldita raça dos damninhos insectos. Deus ouvio-a tão bem, que d'ahi por diante nunca mais os fetidos bichinhos ousaram procurar vestes de carmelitas.

Isso, sim, é que seria bello vêr! Hoje, porém, preferem-se os desinfectantes ás orações e até na agua benta os microbios pintam a manta!

O asseio dos animaes. — E' um capitulo curioso o do asseio dos animaes. Se, de facto, a maior parte dos mammiferos não tivesse um certo numero de cuidados de limpeza, resistiria difficilmente ás innumeras molestias que os atacariam. Basta pensar que o pello, de que quasi todos são revestidos, constitue um reservatorio de poeiras, de microbios, de germens nocivos de toda especie.

Não é, porém, só aos cuidados externos que elles se limitam. O burro, por exemplo, é incapaz de beber agua suja. Prefere que ella esteja amarga, mas não a quer turva. A agua conservada em barricas durante dias não lhe serve. Por isso constitue um serio embaraço para as travessias no deserto.

Um hyppopotamo levado para Londres só acceitava leite fresco — mas havia de ser do mais puro! Farejava longe a menor falsificação e não se dignava aceital-a.

Quanto aos processos de limpeza externa, todos conhecem os principaes. Os macacos vivem a catar-se reciprocamente, com um cuidado extraordinario. Quando presos, aprendem muito facilmente a servir-se dos objectos destinados ao asseio: pentes, guardanapos, palitos, etc. Em regra, porém, evitam a agua.

E' tambem o que succede com os felinos. Todos têm visto os minuciosos cuidados de toilette a que se entregam os gatos. Para isso são favorecidos com duas vantagens — vantagens, é claro, para a adaptação a esse fim especial —: uma lingua rude, aspera, com face superior ouriçada de papillas corneas e, a par d'isso, uma grande flexibilidade. A lingua é uma escova admiravel e, graças á flexibilidade do corpo, conseguem leval-a a toda parte, salvo o rosto e uma parte da cabeça e da nuca. Ahi funccionam as patas: humedecem-nas de saliva e passam-nas como verdadeiras esponjas molhadas. E' de admirar como esses animaes, sempre armados de garras tão finas, sabem nessas occasiões escondêl-as bem e tornarem-nas em delicados apparelhos de toilette. O que faz o gato, fazem todos os da sua especie: os tigres são tambem minuciosos nesse capitulo. Mesmo as garras têm o seu aproveitamento: funccionam como palitos!

Toda essa bicharia detesta, porém, a agua. Ja não é o que succede aos grandes herbivoros e nomeadamente ao elephante. Esses, como não poderiam coçar-se, nem passar a lingua pelo corpo, tomam frequentes banhos. O elephante — partidario decidido da hydroterapia — vai mais longe: enche a tromba de agua e diverte-se a tomar duchas!

No momento, que atravessamos, de epidemia declarada, pede-se a toda gente que faça um pouco menos que os elephantes: limitem-se aos banhos diarios. As duchas são dispensaveis.

Anti-feminismo telephonico. — Nas communicações telephonicas, a grande distancia, entre cidades, concedem-se em geral aos assignantes de 3 a 5 minutos. E' assim por toda a parte. Agora, porém, nos Estados-Unidos, algumas emprezas resolveram reduzir esse tempo a um minuto. Calcule-se por ahi a maravilha de concisão a que os interlocutores têm de chegar!

Ha, a proposito, não de conversas falladas, mas de escriptos, alguns exemplares celebres de concisão. Um é o d'aquelle superior de convento a quem um frade graphorrhagico escreveu um immenso requerimento pedindo para ir a determinado lugar. O superior tomou uma folha enorme de papel e bem no centro escreveu apenas esta lettra: *I*, que é, em latim, o imperativo do verbo *ir* e respondia, por conseguinte, com um deferimento ao seu pedido. Outro caso é o d'aquelle sujeito que, para pedir noticias a outro, punha apenas, ao centro de uma pagina, simples interrogação:

?

O outro, que nada tinha a dizer, juntou á frente um zero:

? - 0

Não se podia ser mais breve, nem mais eloquente: *Que ha de novo? Nada.* Tudo isto em dois signaes.

Para a linguagem oral precisarão os americanos arranjar phrases ou notações de analoga brevidade. Comprehende-se, porém, que só um pensamento de perseguição ás mulheres póde ter dictado uma tal medida, porque nunca mulher nenhuma conseguirá exprimir pensamento algum em um minuto — mórmente se souber que ha um regulamento que a isso a constrange. Só a fallar mal do regulamento e de quem o fez gastarão todas ellas muito mais do que isso!

Uma simples comparação com o caso d'aquelles dois correspondentes laconicos mostrará de quantas palavras precisa uma mulher para dizer... que não tem nada a dizer. Foi isto o que succedeu áquella esposa ausente do marido e que assim lhe escrevia:

« *Meu querido. — Por não ter nada que fazer, resolvi-me a escrever-te esta carta, que aqui termino, por nada ter que te dizer. — Tua...* »

Qual! Decididamente as communicações a que os americanos chamam « *the one-minute telephone* » não terão um só freguez feminino!

Officinas da Revista da Semana, Lavradio, 150.
Rio de Janeiro

ANNUNCIOS

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRAZIL

SÉDE
CAPITAL FEDERAL
Rua Nova do Ouvidor
ns. 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico
LOTERIAS

GRANDE LOTERIA DO CENTENARIO

LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

— N. 73 — 1.ª —

Novo e importante plano

que, além do grande premio de **mil contos,** tem 1 de **50,** 1 de **30,** 1 de **20,** 2 de **10,** 2 de **5** e 86 de **2, um conto de réis** e **500 mil réis,** premiando tambem as centenas até o 3º premio, approximações e dezenas até o 4º, assim como a terminação do 1º

EXTRACÇÃO INTRANSFERIVEL

Sabbado, 9 do corrente, ás 3 horas da tarde

1.000:000$000

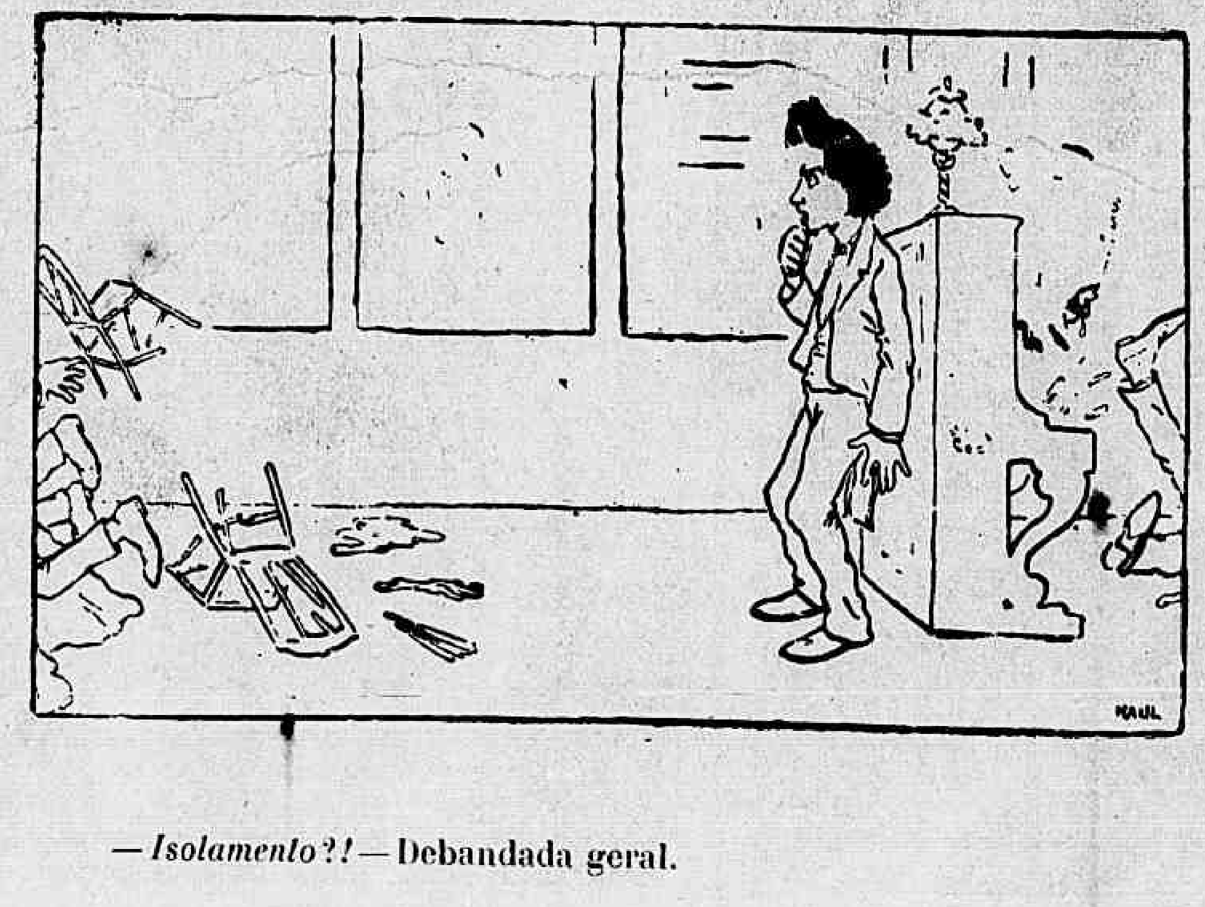
Em bilhetes inteiros a 45$ e em sexagesimos (fracções) **a 750 réis**

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Luiz Velloso & C.,** rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, e **Camões & C.,** becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados das loterias da **CAPITAL FEDERAL.**

EFFEITOS DA PESTE

No salão do Conselheiro Mumia:
O poeta Gadelha, depois de muito rogado, vai recitar uma poesia de sua lavra (livra!).
Na segunda estrophe, com tremuras na voz, gargarejava elle:

— « *Fugi do negro* ISOLAMENTO .. »



— *Isolamento?!* — Debandada geral.

ALCAZAR PARQUE

LAPA 17 RUA THEOTONIO REGADAS 17 **LAPA**

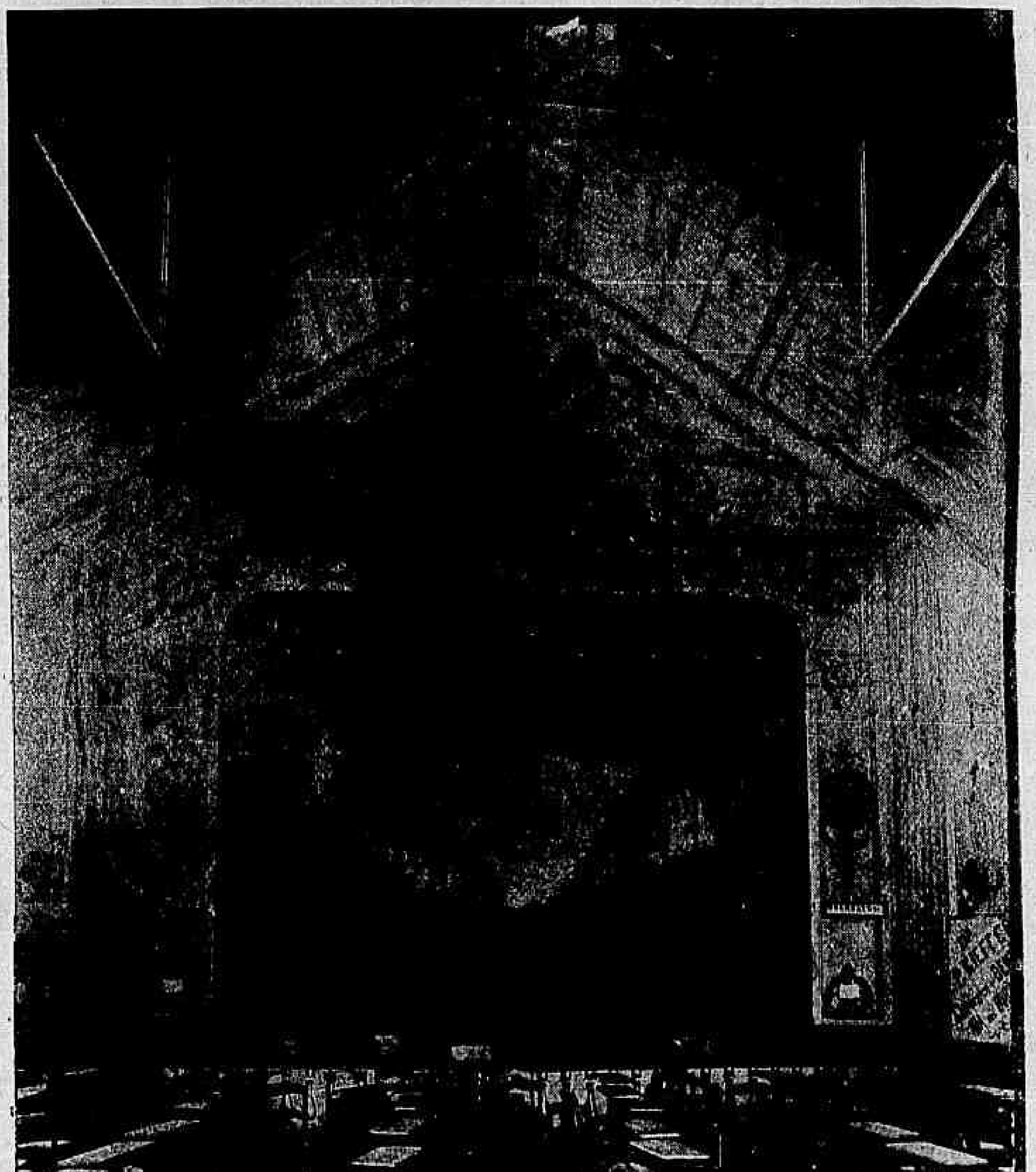
Todas as noites grande funcção pelo elenco da companhia

Margarita Quintano

Adelia Saglio e Conti

Geraldo Magalhães

Jenny Cook



Placida Santos

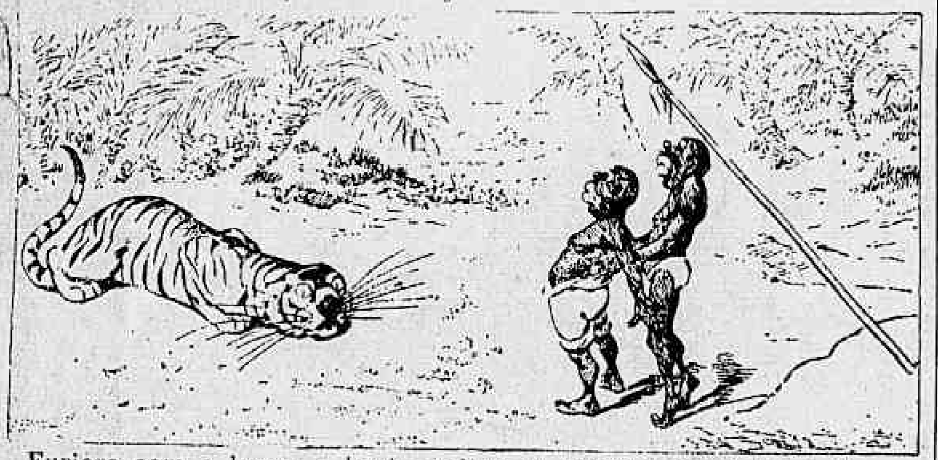
Todas as noites, ás 8 1|2 **Cançonetas, bailes e scenas comicas** Todas as noites, ás 8 1|2

SALÕES RESERVADOS SOUPÉS E LUNCHS

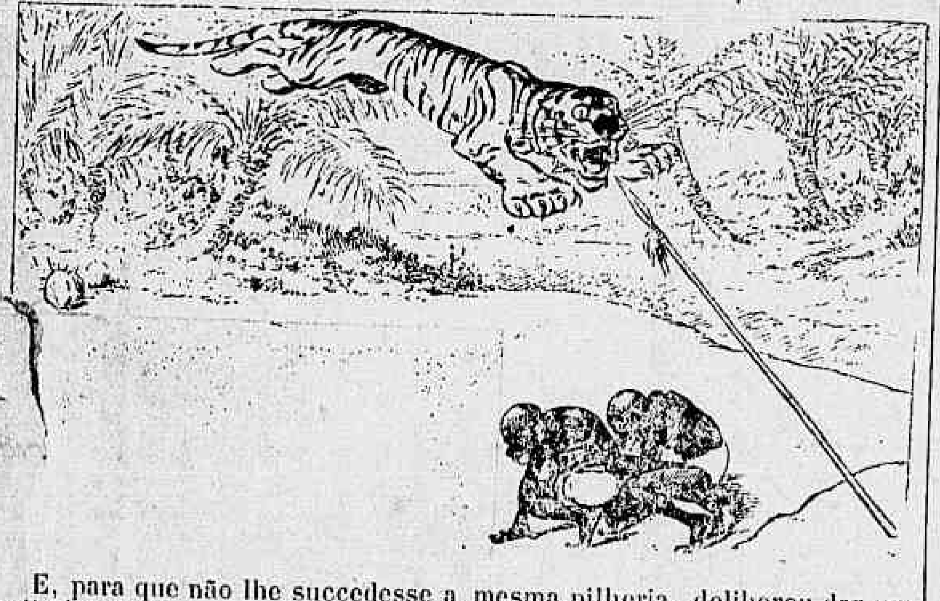
CONSUMAÇÕES DE PRIMEIRA QUALIDADE

De longe, fitando-os sinistramente, viram um grande tigre que avançava lentamente. Fugir era impossivel: o tigre correria mais que elles. Tiveram então uma ideia. Plantaram no chão, obliquamente, a lança que um trazia e esperaram a féra, agachados, acocorados.

A féra, que os vio tão baixo, armou um pulo insignificante. Era o que elles queriam: deram tão formidavel bote, que passaram por cima do tigre e vieram cahir perto da lança.



Furioso com o logro, o bruto voltou-se, rapido, e avistou-os firmes, mas de pé. « *Agora* — disse elle — *agora vocês não me escapam!* »

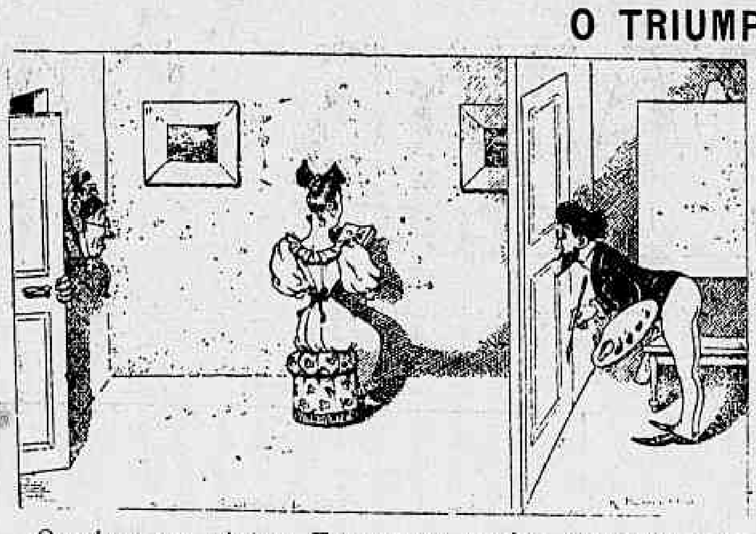


E, para que não lhe succedesse a mesma pilheria, deliberou dar um salto bem alto.

Mas, cego de furia, não tinha siquér reparado na lança. E foi na lança precisamente que veio a espetar-se, varado da cabeça á cauda, com o esforço que fizera. Os dois pretos cahiram na troça, satisfeitos não só de haverem escapado ao perigo, como do lôgro que tinham pregado ao compadre tigre.

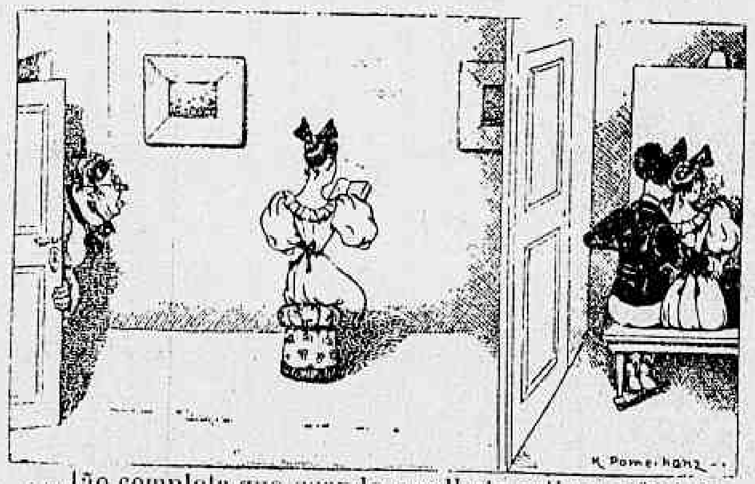
Desenterrada a lança, seguiram para a Tribu levando á féra em trophéu. No caminho, iam combinando que contariam lá proezas incriveis e diriam ter vencido o animal em renhido combate. Assim, passariam a ser considerados dos mais valentes.

O TRIUMPHO DO PINTOR



O primo era pintor. Emquanto, porém, elle estava no seu *atelier*, a velha mãe da priminha deixava-a estudando na sala visinha, mas não permittia que se vissem ou conversassem. De quando em quando, mettia o nariz e esbugalhava os olhos myopes para fiscalizar a pequena. Não queria namôros!

Num dos intervallos entre duas espionagens o pintor abrio a porta sorrateiramente, entrou de pressa, tomou os pinceis e — zás! — num instante, pintou a figura da prima na parede. A illusão era completa...



... tão completa que quando a velhota esticou o focinho para dentro da sala, cuidou que a filha lá estivesse muito direitinha.

E, durante esse tempo, ella e o primo... (Cala-te bocca!)

URGENTE!

O Sr. Andrade, que é muito distrahido, tem, de mais a mais, o habito de metter na abertura do collete, em vez do guardanapo, a ponta da toalha. Estava á sobremesa, quando o criado veio trazer-lhe uma carta.

Tomou-a e leu-a.

Era uma noticia horrivel que terminava por um chamado urgente, urgentissimo, improrogavel.

Num momento, estava de pé, correndo para a porta, disposto a sahir... Sem pensar, levava a reboque a toalha e pratos, garrafas, cadeiras, convidados, tudo cahia, desabava, desmoronava-se, sem que elle désse por isso.

PRECAUÇÕES HYGIENICAS

Na Central:

— O cidadão tem de ir á fumigação e apresentar a trouxa na estufa.

— Vamos... mais esta *estufa!* Como poderemos ter garantias de vida se a Hygiene é a primeira a *puxar a trouxa?!*...